

De RUBEM ERAGA

Já sai do Brasil três vezes, uma para ver guerra, outra eleições com tiros, outra para ir a um país de grèves. E quando volta para o país // a gente sem querer vem pensando que vem voltando para o socego, como quem anda na rua e vira e mexe e faz e acontece e depois vai para casa descansar, dormir. Mas ainda antes de chegar a gente perde a ilusão. O "home" é o verdadeiro conflito - porque na verdade fóra do Brasil, por mais que a gente tome partido nas coisas, e as sofra e pene, e "torça", a gente é de Niterói. Aqui sempre temos a ilusão de que podemos fazer alguma coisa, por menor que seja; e, por muito que se deseje mandar tudo e todos afinal de contas às favas, não se pode fugir a êsse sentimento de responsabilidade. É sempre para a guerra que voltamos, sem o saber.

O pior dessa guerra é talvez a confusão. Eu estava em pleno mar quando alguém anunciou que já se podia ouvir o Brasil no rádio. Subi até a cabine do radiotelegrafista e pedi para ele me deixar ligar o aparelho. Foi uma rádio de Pernambuco que ouvi. Solene, retórico e veemente, um locutor provava que o sr. Agamemnon Magalhães... não é comunista. Usava argumentos sobre argumentos, alguns deles de evidente e pomposa má fé - fé tão má quanto a de quem fizera a acusação. A vontade que dá uma coisa dessas é pedir ao comandante para mudar de rumo e largar este pobre peito a esta pobre cabeça nossa numa ilha de Cabo Verde. E afundar na vida de uma colônia, onde é de uma vez por todas proibido pensar; e ficar ali e se degradar até a posição de "pobre branco", bebado e sujo, avacalhado até pelos moleques e pelas negras. Sim, isso é mais digno do que discutir a sério, de copo d'água na frente, no mais perfeito uso das faculdades mentais, se o sr. Agamemnon é comunista - ou se o sr. Agamemnon não é comunista.

E assim aos poucos vamos recuperando o Brasil; mergulhamos nessas queridas águas turvas, com povoadas de polvos moles, e atingimos a praia onde os balacús se incham.

Na Bahia um padre me mostrou, à luz da vela, entre morcôgos, a imagem da Virgem das Maravilhas, à qual Virgem praticou a última de suas maravilhas no ano de 1624, pelo que deve estar bem descansada e talvez com santa preg

(CONT. 2 - E- ERAGA) - são suficiente para fazer outro. Pois segundo refere o Padre André de Barros, citando uma testemunha que o ouviu da boca do próprio Vieira, estava este, ainda noviço, a suplicar perante a referida Virgem que lhe abrisse o entendimento.

Sim, o noviço sentia a mente confusa, e implorava o socorro da santa, quando sentiu como estalar qualquer coisa no cérebro, com uma dor vivíssima, e pensou que morria. Com esse estalo ficou inteligentíssimo. Contemplei a imagem toda de prata com cara dourada e disse:

- "Padre! É loucura e impiedade vossa arrumar num museu essa Virgem das Maravilhas tão prodigiosa. Meu barco está no porto, e hoje a noite levantaremos ferro e quero depôr essa imagem tão antiga no altar de uma capela nova da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Esta é a última esperança do Brasil, oh padre. Dai-me esta imagem e que o Senhor nos abençoe!"

Mas eu não tenho sorte com padre; e o Brasil perdeu, quem sabe, sua última "chance", o Grande Estalo.

Então cheguei. Eu mesmo me sentindo cada vez mais burro, mas li os jornais e me detive pasmo; havia em quasi todos eles, uma grande campanha nacional capaz de obrigar os próprios diretores a empunhar a pena. Era visível que um Alto Espírito se encarnara em todos esses altos mentores da Opinião e falava pelas suas bocas. Seria Evaristo da Veiga, Patrocínio, ou Rui Barbosa? Não: era Oséas Motta...